

Descobrimos a América

Stephen Ma, de Floripa, fez um cruzeiro inédito: percorreu a costa sul-americana inteirinha, e no sentido contrário aos ventos e às correntezas



O que você faria se tivesse um veleiro, mas a sua família não ligasse a mínima para ele? Tem gente que troca o barco por outro menor, enquanto outros simplesmente vão perdendo o gosto até abrir mão de vez de navegar. Mas há também quem trata de encontrar outras companhias para dividir, além do trabalho a bordo, o prazer de estar no mar, pelo menos de vez em quando. É deste último grupo que faz parte o paulista Stephen Ma, 46 anos, um ex-corretor da Bolsa de Valores que mora há cinco anos em Florianópolis e é dono do *Floripa*, um confortável Delta 36 que, segundo ele, foi montado para navegar bem no contravento, com quilha de chumbo e calado de dois metros. “Não saio com frequência com o barco porque minha família não curte muito, no final, é um passatempo só meu”, comenta. Ele gosta de disputar regatas, embora assumo ser um aprendiz: “E dos muito ruins”, exagera. Porém, ruim de regata ou não, Stephen disputou a Semana de Vela de

Ilhabela em 2005 e, no mesmo ano, a Regata Recife-Fernando de Noronha, a Refeno. Quando chegou com o barco de volta a Florianópolis, surgiu, por brincadeira, a idéia maluca de retornar de Noronha pelo “outro lado”, cruzando o Canal do Panamá. Veja só no que deu: a brincadeira foi levada a sério e Stephen e um grupo de amigos contornaram o continente sul-americano no sentido contrário ao habitual, velejando contra os ventos e as correntes marítimas predominantes, coisa que até então nenhum outro brasileiro havia feito — pelo menos, não que se saiba. Stephen conta aqui como foi essa aventura, que durou seis meses (de outubro do ano passado a abril) e, de acordo com ele, “foi patrocinada pela Usiminas PN, que triplicou de preço em 2006”, referindo-se às ações da companhia de siderurgia.

“Preparamos toda a viagem pensando em navegação costeira, a fim de parar sem problemas se fosse necessá-



FEITO INÉDITO
O *Floripa*, (abaixo) foi, até onde se sabe, o primeiro veleiro brasileiro a dar a volta ao continente. Ao lado, a Regata Refeno, da qual Stephen se seu barco participaram, e a travessia do Canal do Panamá



Fotos: Arquivo pessoal

rio, e dividimos o percurso em quatro etapas, com cerca de três mil milhas cada. Exceto por Robinson Ferreira, o 'Ló', e por mim, todos os outros tripulantes se revezaram durante o trajeto. A primeira etapa foi de Florianópolis a Fortaleza, tendo a bordo o Mauro Harthel, do Espírito Santo, e o Rodrigo Schneider, do Rio Grande do Sul. Foram 40 dias, com correnteza contrária na maior parte do tempo, mas também com muitas paradas. Fizemos uma pausa para participar da Regata Refeno e, quando chegamos a Fortaleza, pegamos o avião para casa, para ficar 15 dias com a família, que não víamos havia mais de um mês. Saímos de Fortaleza no dia 18 de outubro e, depois de navegar quatro dias e meio num deserto azul, animado por eventuais cardumes de golfinhos e verdadeiros enxames de peixes voadores, chegamos a Cayenne, capital da Guiana Francesa. Nossa média foi excelente: 9 nós, graças à ajuda da correnteza de 3 nós. Ficamos lá por um dia,

antes de seguir para o Panamá. Nessa segunda etapa, quem nos acompanhou foi o André Burguer, de São Paulo. Paramos muitas vezes nas ilhas caribenhas. Uma delas foi Tobago, um lugar pobre, onde tivemos de dormir em uma pensão, depois de navegar três dias e meio para percorrer 630 milhas. A partir de lá, as distâncias foram mais curtas e deu para fazer escalas em lugares bons, como Curaçao. Chegamos à noite, no trapiche do Hilton Hotel, mas estava lotado e poderíamos ficar atracados só até as sete e meia da manhã e, sem que ninguém da nossa tripulação tivesse perguntado, nos informaram que não poderiam oferecer instalações para banho — o nosso cheiro não deveria estar nada bom.

Porém, o pior estava por vir: depois de muita recomendação e insistência do vigia da marina, do motorista de táxi e do porteiro de um outro hotel, onde conseguimos nos hospedar, fomos conhecer um certo Campo Alegre, um



“
O Estreito de Magalhães é muito bonito, mas entrar nele não é nada fácil para quem chega de barco pelo Pacífico
”

NEVE ETERNA

Puerto Chacabuco (acima), na Patagônia chilena: o *Floripa* passou por aqui, uma região de vulcões, glaciares e neves eternas nos picos das montanhas

centro de lazer muito popular entre os marinheiros. Como em nossa tripulação só havia homens — por segurança, já que tínhamos sido avisados sobre pirataria na Venezuela, na Colômbia e no Peru —, não ia fazer mal dar apenas uma olhadinha e tomar umas cervejas. Na entrada, fomos revistados, porque era preciso deixar armas de fogo e facas na portaria. Tudo bem. O Ló, brasileiro violento, deixou lá o cortador de unha. Assim, só dava para morrer de garrafada! Bom, resolvemos jantar na cidade, mas, depois de nos animar com uns copos de bordeaux, voltamos.

Lá pelas tantas, e depois de ter assistido a coisas no palco que não dá para contar aqui, senti uma necessidade urgente de me sentar. Eu havia escorregado ao saltar do cais para o veleiro, de uma altura considerável, porque a maré estava baixa, e machuquei as costelas — uma estava quebrada e outra, trincada, mas eu ainda não sabia. Bom, achei uma poltrona, mas um grandão ‘trigigante’ estava reservando três lugares e não deixava ninguém sentar. A dor era muita. Sentei. Ele reclamou, mas respondi que iria embora quando os amigos dele chegassem e que também tinha pagado ingresso. No intervalo do show, o mamute me perguntou com desprezo de onde eu vinha. Quando soube que era do Brasil e que

estava velejando ao redor da América do Sul etc., amoleceu e elogiou o Lula. Aí, eu retribuí: elogiei Chávez e até fizemos brindes a Fidel! Na despedida, ganhei cinco abraços de urso dos hermanos e o resultado foi que tive de ir para o hospital, para anestesiá-los a dor nas costelas. De Curaçao, fomos para Bonaire e Aruba, onde paramos três dias, por recomendação médica. Depois do descanso forçado, seguimos para Cartagena, na Colômbia. Queria parar em Barranquilla, mas um casal americano que conhecemos em Bonaire disse para evitarmos o lugar, que era muito perigoso. Os americanos nos deram um CD detalhando todo o percurso até o Panamá, dicas e até nomes de despachantes — na verdade, motoristas de táxi do iate clube local. Ao todo, essa etapa levou 30 dias. Quando chegamos ao Panamá, fizemos mais uma pausa, de 15 dias, para de novo acalmar os ânimos em casa, em Floripa.

A terceira etapa também foi longa. Ao todo, cerca de 2 900 milhas, que fizemos em 45 dias, só eu e o Ló. As primeiras 500 milhas foram com ventos e correnteza favoráveis e o restante, com correnteza e, eventualmente, ventos contrários amenos, com muitas escalas. No Equador, fizemos uma parada forçada para tirar uma rede de pesca enroscada, o que me custou US\$ 500. O Natal, passamos



O OUTRO LADO DA AMÉRICA

Ao lado, o estai de proa quebrado e um brinde em Valparaíso, no Chile, na companhia de Ló e Giovani (de camiseta clara)



navegando rumo a Callao, no Peru. No fim, desmentindo todos os avisos e temores a respeito de piratas, eles não apareceram — graças a Deus! Paramos em portos, marinas e iates clubes sempre com muita segurança. Deixamos o barco em Viña del Mar, no Chile, para ir por dez dias a Floripa, para evitar um divórcio e recrutar a terceira vítima, digo, tripulante, o Giovani Frisene, de Joinville.

De volta ao Chile, começamos a quarta etapa até Florianópolis. Foi a perna maior, com quase 4 mil milhas, que percorremos em 72 dias. Foi também a parte mais fria e difícil, porém, a mais bonita, realizada por dentro dos canais e fiordes do Estreito de Magalhães, onde, em alguns trechos, navegamos sem previsão de tempo e, durante todo esse percurso, racionando comida. Antes, fizemos um desvio forçado de 40 milhas continente adentro, em Puerto Chacabuco, para consertar o estai de proa, porque o nosso se rompeu pelo desgaste da viagem, na altura do enrolador da goeoa. Por sorte, estávamos com o brandal volante armado,

que ajudou a segurar o mastro até conseguirmos prender as duas adriças na proa. Como o mastro do meu barco não é passante, o risco de queda era grande. Improvisamos um novo estai, com um cabo de aço e um esticador para segurar poste de luz. Funcionou! Bem, ainda nem tínhamos entrado no Estreito de Magalhães, local que, ao chegarmos, no Farol Felix, nos recebeu com ventos contrários de mais de 40 nós, os chamados willywaws. O local é raso e cheio de pedras. Tentamos entrar por três vezes e desistimos, porque o nosso motor de 30 hp não deu conta do recado, mas aí vieram o pessoal da marinha e os mergulhadores do barco *Solaris* e nos rebocaram por 30 metros. Foi bastante complicado. Depois, o oficial do farol disse-me que estavam preocupados com nossa ancoragem fora da baía, pois o vento ia aumentar. Dito e feito: ventou a 62 nós naquela noite, medido pelos faroleiros. Nessa etapa, ficamos praticamente a metade do tempo em terra, aguardando uma janela de tempo e saboreando muito vinho chileno, que ninguém é de ferro.

A SALVO

Sob ventos de mais de 40 nós, o *Floripa* só conseguiu entrar no Estreito de Magalhães porque foi rebocado pelo barco *Solaris* (acima)



UM ESTRANHO NO NINHO

Acima, atracação a contrabordo de outro barco, em Porto Deseado, na Patagônia argentina. Ao lado, Stephen e Ló (à esq.), os únicos que fizeram a viagem completa



Fora alguns poucos momentos mais tensos, tudo correu melhor do que esperávamos durante toda essa circunavegação pela América do Sul. Encontramos, por exemplo, uma boa quantidade de clubes, portos e marinas no Caribe, no Pacífico, na Argentina e no Uruguai, que são, inclusive, melhores que na costa brasileira. Descobrimos até um resort cinco-estrelas na remota Ilha Jechica, no Chile, que, pena, estava fechado porque a temporada de verão havia terminado. Depois do perrengue no Estreito de Magalhães, o restante do percurso foi tranquilo, distâncias de 400 milhas pareciam pequenas. E os hermanos argentinos nos trataram maravilhosamente bem! Chegamos a salvo a Florianópolis, no dia 15 de abril, ao fim de uma viagem que foi, enfim, segura. Poderia ter sido ainda mais, se tivéssemos um telefone satelital a bordo, que fez muita falta para saber a previsão de tempo no Estreito de Magalhães. E seria também mais rápida, se em vez de descer, tivéssemos subido o Pacífico, pegando vento e corrente a favor. Mas aí, talvez, não teria sido tão divertida. De qualquer forma, valeu!”